



A Santa Sé

VISITA PASTORAL À PARÓQUIA ROMANA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 15 de Janeiro de 1984

1. "Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo" (1 Cor. 1, 3).

Com estas palavras do apóstolo Paulo, há pouco escutadas na segunda leitura da liturgia de hoje, dirijo-me a todos vós, caríssimos irmãos e irmãs desta Paróquia de São João Baptista no Collatino, e exprimo-vos a minha prova de alegria de poder celebrar convosco o sacrifício eucarístico.

Esta é a primeira visita que faço a uma Paróquia romana no ano de 1984: por isso auguro, antes de mais, um ano sereno, próspero e abençoado a todos vós desta Comunidade e a todos os fiéis de Roma. Como Sucessor de Pedro nesta Sé episcopal, vejo em vós os herdeiros da *antiga Igreja*, que há quase dois mil anos está em Roma, abraçando todos os povos, estandarte de unidade e de salvação. Sede orgulhosos de pertencer a esta *Igreja*, que exprime e garante a sua universalidade e é romana não tanto por aquilo que pode ter assimilado da cultura e da organização do Império, mas principalmente por aquilo que ela aqui inseriu, isto é, a revelação divina, as fontes da graça, a promulgação do amor e a sucessão apostólica que a une a Jesus Cristo. Compreende-se deste modo como Santo Ireneu podia dizer que a Igreja *romana* preside a todas as outras Igrejas "propter potentiores principalem", isto é, "por causa da sua eminente posição" (cf. *Adv. haereses* 3, 2; *PG* 7, 843).

À luz desta tradição romana, o nosso encontro é enriquecido de um significado eclesial *particular* na celebração do *Ano Santo da Redenção*, porque é em Roma, sobre as memórias dos apóstolos

Pedro e Paulo, que se encontra o centro da unidade e da vitalidade de todas as Igrejas. No espírito destas estimulantes realidades, queremos hoje também nós celebrar o Jubileu extraordinário e obter a Indulgência plenária para nós ou para as almas dos nossos caros defuntos.

2. A este nosso encontro preside espiritualmente São João Baptista, seja porque ele é aqui venerado como titular da Paróquia, seja ainda porque a passagem do Evangelho de João, que há pouco escutámos, no-lo apresenta como intrépida testemunha de Cristo. A figura do Baptista recorda-nos aquele tempo do ano litúrgico que vai do primeiro Domingo do Advento até à festa do Baptismo do Senhor, por nós celebrada na semana passada. Neste período contemplámo-lo como aquele que baptiza e é o precursor do Senhor no cenário austero e ao mesmo tempo sugestivo do rio Jordão e do deserto de Judá. Hoje, com a proclamação de Jesus, como "Cordeiro de Deus... que tira o pecado do mundo" (*Jo. 1, 29*), ele abre o ciclo do *tempo comum do ano litúrgico*, que é todo centrado na história da salvação, operada por Cristo.

Dada que a imagem do *Cordeiro de Deus* está estreitamente ligada àquela do servo sofredor, descrito pelo profeta Isaías como "cordeiro levado ao matadouro" (*Is. 53, 7*) e do cordeiro pascal (*Ex. 12*) que é símbolo da redenção de Israel, com ela João nos apresenta o Cristo como *Redentor*. Jesus deve passar pela paixão, morte e ressurreição para poder baptizar "no Espírito Santo" e operar a salvação, como "Filho de Deus". A atitude do Baptista nesta passagem é a daquele que, por etapas, progride na fé e no conhecimento de Cristo: antes diz que não O conhece (v. 31), depois vê n'Ele o *Messias* — *sofredor* (v. 29), enfim o *Santificador* (v. 31) e o *Filho de Deus* (v. 34). Este modo de agir para nós exemplar, porque nos ensina a acolher Cristo como Aquele que com o baptismo instaura em nós uma nova realidade, uma "nova criação", um novo reino: aquele que vivificado pelo Espírito Santo; mas nos ensina também a iniciar um caminho de fé, no qual nos sentimos cada vez mais empenhados em dar testemunho de Cristo não só como *Filho do homem*, mas também como *Filho de Deus* que veio para tirar do coração do homem a raiz de todo o mal, a saber, o pecado. Tudo isto evoca a delicada e comovente imagem do Cordeiro, com a qual João Baptista "manifestou" Cristo ao mundo, naquele longínquo dia junto das margens do Jordão.

3. Devemos ter a mente e o coração abertos para recebermos esta *manifestação*, que não quer ser tanto um conhecimento do mistério de Cristo, quanto a nossa *imersão* e um nosso absorvimento nele. Trata-se, de algum modo, de fazer nossos aqueles sentimentos expressos no Salmo responsorial, nos quais a tradição cristã viu prefigurado o próprio Cristo (cf. *Heb. 10, 5-7*):

"Não desejas sacrifícios e oblações — abristes os meus ouvidos — não pedis holocaustos nem vítimas. Então eu disse: 'Eis que venho'. No rolo do livro está prescrito que devo cumprir a Vossa vontade" (*Sl. 39 /40, 7-9.*)

Como já acenámos, o mistério de Cristo é mistério de obediência e de sacrifício: Ele é como um

manso cordeiro que se oferece por todos nós. Dir-se-ia que João Baptista, depois da sua confissão, tinha começado a calar para dar voz a Cristo, que neste salmo messiânico, que é um dos mais fascinantes de todo o Saltério, anuncia o cumprimento da nova aliança, isto é, aquele "cântico novo" (v. 4) que se realizará com a vinda na sua pessoa: "no profundo do meu coração" (v. 9). Não mais os sacrifícios da antiga aliança, mas o único e irrepitível sacrifício do "Filho de Deus", o sacrifício do seu coração, dilacerado para a redenção do homem. É esta "a justiça" que ele anunciou "na grande assembleia" (v. 10), isto é, a salvação operada perante o mundo, para resgatar todos os homens e todas as mulheres que estão debaixo do céu.

4. As últimas palavras deste Salmo revelam a dimensão universal da obra do Redentor, a qual foi já expressa na primeira leitura do profeta Isaías: "É pouco que sejas meu servo para restaurares as tribos de Jacob e reconduzires os sobreviventes de Israel. Vou fazer de ti *luz das nações*, a fim de que a minha salvação chegue até aos confins da terra (Is. 49, 5-6). A esta visão profética faz eco São Paulo na segunda leitura deste Domingo, o qual fala dos Cristãos de Corinto como daqueles que "foram santificados em Cristo Jesus, chamados à santidade com todos os que, em *qualquer lugar*, invocam o nome de Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" (1 Cor. 1, 1-2).

Como se constata com clara evidência, tanto na primeira como na segunda leitura, trata-se de uma salvação *universal*, que tem carácter *espiritual*. Em Isaías fala-se de uma grande lua, que trará às nações o conhecimento do único Deus verdadeiro e do seu enviado, Cristo Senhor. Assim, de facto, o velho Simeão saudou o Menino Jesus, quando os pais lho apresentaram no Templo: "Luz para iluminar as nações e glória de Israel, Teu povo" (Lc. 2, 32). Precisamente de Cristo, luz e salvação, têm necessidade hoje, como ontem, todos os homens: os de perto e os que estão longe, os crentes e os não crentes, tendo-se Ele tornado para todos "causa de salvação eterna" (Heb. 5; 9).

5. Com estes pensamentos, que nos provêm da liturgia deste Domingo e, em particular, da figura vigorosa e afascinante do Baptista, que vós honrais como Padroeiro, exprimo de igual modo ao Cardeal Vigário Ugo Poletti e ao Bispo Auxiliar do Sector, D. Alessandro Plotti, a todos vós aqui presentes e a todos os componentes desta Comunidade paroquial as minhas saudações mais cordiais. Saúdo os sacerdotes do Opus Dei, aos quais é confiado o cuidado pastoral deste bairro tiburtino; em particular dirijo um afectuoso pensamento a Mons. Alvaro del Portillo, Prelado do Opus Dei, que já como colaborador do inspirado Fundador, o Servo de Deus Josemaria Escrivá de Balaguer, contribuiu para a erecção desta Paróquia e do Centro internacional de "Educação, Trabalho, Instrução e Desporto". É-me grato saber que nesta Paróquia estão a trabalhar três Comunidades religiosas femininas: as Irmãs da Divina Vocação, que dirigem a escola materna e elementar de Nossa Senhora de Guadalupe; as Filhas da caridade de São Vicente de Paulo para o Apostolado social; as Monjas Religiosas da Visitação de Santa Maria, que vivem em clausura.

Apraz-me também conhecer que na paróquia existe um *Departamento de Assistência* e um grupo de *Voluntariado Vicentino*, que prestam concreta ajuda aos pobres e às famílias necessitadas do

bairro. É operante também um grupo da *Terceira Idade* que provê à assistência dos anciãos. O meu aplauso vai também para os *Catequistas*, que sob a direcção do Pároco, Padre Francesco Angelicchio, e dos Vice-párcos, desenvolvem uma capilar acção evangelizadora nos vários ambientes do bairro, atingindo pessoas de todas as condições e idades.

Mas sobretudo desejo dirigir uma particular saudação aos dirigentes e aos membros do Centro ELIS, que tornam fecundo, com a sua obra de promoção humana e social, o terreno do inteiro bairro de maneira tal que preparam o caminho para a acção pastoral da Paróquia. Este centro é um claro testemunho do interesse da Igreja pelas classes trabalhadoras. Como teve oportunidade de dizer Paulo VI no dia da inauguração, esta é "uma obra do Evangelho, isto é, toda voltada para o benefício daqueles que dela se servem. Não é uma simples hospedaria, nem uma simples oficina, ou mera escola, nem um campo desportivo qualquer; é vida cristã que aqui se afirma e se desenvolve, e quer aqui demonstrar na prática muitas coisas bastante interessantes para o nosso tempo" (*Insegnamenti di Paolo VI*, III, 1965, p. 649).

Caros jovens, sabeis aproveitar esta oportunidade que se vos oferece para aprenderdes a viver na alegria, no empenho humano e cristão, e na leal convivência com os homens. Enquanto vos preparais profissionalmente neste centro, dai prova de ser capazes de viver de modo responsável e de realizar aquela experiência espiritual, que toma luz e significado da pessoa e da doutrina de Cristo.

6. Caros Irmãos e Irmãs!

São passados quase dois mil anos desde quando os vossos longínquos antepassados — os Romanos — nos tempos dos Césares do antigo império, receberam dos lábios dos Apóstolos Pedro e Paulo a mensagem evangélica.

Desde o início a *irradiação do mistério da Redenção se alargou sobre esta Cidade*, da qual vós sois hoje cidadãos.

Venho a vós como Bispo de Roma para dar testemunho deste mistério salvífico:

— *para professar o Verbo* que se fez carne e habitou entre nós.

Contemporaneamente, em virtude deste meu ministério episcopal, faço-vos a pergunta que nasce da liturgia de hoje:

— acolhem todos este Verbo que se fez carne?

— haurem todos d'Ele esta força para se tornarem filhos de Deus?

São perguntas-fundamentais.

O serviço episcopal consiste exactamente em colocar sem cessar estas perguntas fundamentais *para que sejam respondidas nas comunidades de cada paróquia*.

De facto, a inteira comunidade da Igreja traz em si uma viva participação naquele "Baptismo com o Espírito Santo" que, segundo as palavras do seu Precursor, teve início nas margens do Jordão com *Jesus de Nazaré*: nascido da Virgem Maria — Filho de Deus vivo.

Que também esta Comunidade participe sempre de maneira vital neste mistério de graça e de renascimento e viva da *graça da Redenção*.